

10 PERGUNTAS SOBRE A DESVALORIZAÇÃO

1. O Plano Real está ameaçado?

Está. Tanto que o governo tomou a decisão de aumentar novamente as taxas de juros, depois de ter liberado a cotação do dólar na semana passada. É que uma explosão na desvalorização do real poderia levar a uma inflação muito alta e ao fim da estabilidade econômica dos últimos anos.

2. O que vai acontecer na economia daqui para a frente?

Os próximos passos do governo dependerão do comportamento dos juros, do dólar e dos preços. O objetivo dos juros altos é evitar o repasse

aos preços do aumento de custo das empresas com a disparada do dólar no mercado financeiro. O câmbio deve permanecer livre, com intervenções episódicas se o dólar subir muito, até que a cotação se estabilize. Depois o governo definirá o tipo de sistema cambial que usará.

3. Os juros podem subir ainda mais?

Sim. Ontem, primeiro dia de aumento dos juros, o Banco Central puxou as taxas de 29% ao ano para 32%. O limite máximo autorizado pelo Comitê de Política Monetária (Copom) na noite de segunda-feira foi 41%. Portanto, há espaço para

novas altas. Mas tudo vai depender do comportamento da inflação e do dólar.

4. Pode haver novas desvalorizações do real nos próximos dias?

Pode. Ainda é cedo para afirmar que houve uma estabilização do dólar a R\$ 1,59.

5. As bolsas de valores vão continuar subindo como nos últimos dias?

É impossível prever. A alta espontânea dos últimos dias, especialmente de sexta-feira, foi, em parte, técnica. Resultado da adequação dos preços das ações no Brasil à cotação na bolsa de Nova York. O momento é de expectativa em relação à evolução da crise brasileira. O mercado de ações refletirá o sentimento dos investidores, que acompanham de perto o comportamento do Congresso nas votações do ajuste fiscal.

6. A recessão vai se agravar?

Espera-se um agravamento da crise econômica nos próximos meses, como resultado da desvalorização do real e do novo aumento das taxas de juros. Pelas previsões do Citibank, a economia brasileira deverá encolher 5% neste ano. Antes disso, a expectativa dos economistas do banco norte-americano era de uma queda na atividade econômica de 3%.

7. O desemprego vai aumentar?

É muito provável. O impacto

do aumento dos juros e da desvalorização do real sobre as empresas será grande. Muitas companhias usam materiais importados para produzir, o que poderá encarecer as mercadorias para o consumidor. Além disso, com juros mais altos as vendas tendem a cair. Tudo isso deverá ter consequências no mercado de trabalho.

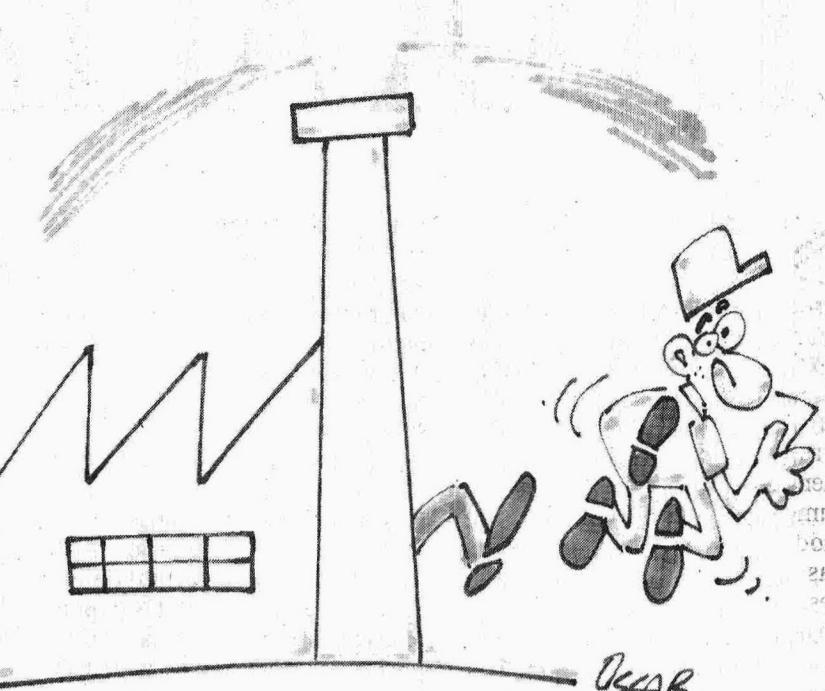
8. Pode acontecer um desequilíbrio total da economia, como aconteceu na Rússia?

O Brasil está mais para o México em 1994 do que para a Rússia. O que não quer dizer que a situação brasileira seja tranquila. Por enquanto, não há

sinais de que haverá um desarranjo na economia, mas os próximos meses serão de muita incerteza.

9. As empresas e bancos podem quebrar?

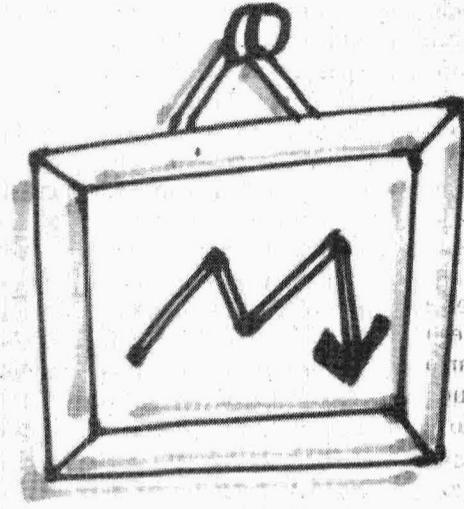
Muitas empresas estão penduradas em dívidas, em dólar ou em real, e podem enfrentar momentos de dificuldades. Vale lembrar que as dívidas em moeda estrangeira, geralmente, vencem a longo prazo e as companhias podem se recuperar se a economia voltar a crescer no médio prazo. Alguns bancos



podem sofrer mais com a inadimplência de seus clientes.

10. O que o governo tem que fazer daqui para a frente para o Plano Real dar certo?

Garantir que o programa de ajuste fiscal seja aprovado e cumprido. Ao equilibrar suas contas, o governo renova a confiança dos investidores estrangeiros na capacidade do país pagar suas dívidas.



COMO A CRISE AFETA SEU BOLSO

CARRO

O momento é de grande incerteza e fazer um investimento desse porte só se for por necessidade.

Tomar um financiamento longo para comprar um veículo é muito arriscado, pois os especialistas prevêem dias difíceis para a economia nacional, com mais desemprego e recessão. Além disso, todas as montadoras subiram suas taxas. Os créditos corrigidos pela variação cambial, a modalidade mais comum de financiamento dos últimos meses, continuam disponíveis no mercado, com a prestação variando conforme a oscilação do dólar.

CARTÃO DE CRÉDITO

As compras feitas no cartão devem ser pagas integralmente no vencimento da fatura e não devem ser

financiadas de jeito nenhum. As taxas estão muito altas e as administradoras já estão estudando a possibilidade de repassar o aumento dos juros promovido pelo governo para os encargos do crédito rotativo. O uso do cartão só é vantajoso para adiar o pagamento da compra até a data de pagamento da conta.

PASSAGENS AÉREAS

As companhias aéreas que operam no Brasil estão revendo suas promoções. Antes da crise, algumas passagens poderiam ser compradas com até 60%

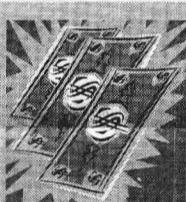
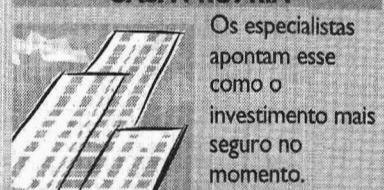
de desconto. Agora, o maior desconto disponível na praça equivale a 30% do valor da passagem.

Algumas companhias também suspenderam os financiamentos dos bilhetes. A TAM, por exemplo, que dividia o pagamento em até cinco vezes sem juros, só vende agora à vista ou no cartão de crédito.

CASA PRÓPRIA

Os especialistas apontam esse como o investimento mais seguro no momento.

Justamente por isso, a tendência dos preços é de alta. Mas com a recessão, qualquer um que tenha dinheiro disponível para a compra pode negociar bons descontos. Os novos financiamentos tendem a subir junto com o movimento feito pelo governo nos juros. Os抗igos dependem do tipo de contrato. Se for pelo Sistema Financeiro da Habitação (SFH), a prestação ficará mais cara nas próximas semanas, porque a Taxa Referencial de Juros (TR) acompanha o movimento dos juros no mercado financeiro. Se o financiamento for da construtora, dependerá do comportamento da inflação.



Banespa, por exemplo, passou a cobrar 7,5% de juros pelo empréstimo pessoal. Antes cobrava 6,9%.

Quem ainda não aumentou a taxa, como a financeira e a área de leasing do Unibanco, por exemplo, decidiu cobrar mais de entrada. Antes o Unibanco exigia 10% do valor do bem de entrada. Agora, essa parcela subiu para 30%. Portanto, compras a prazo estão caras e não devem ser feitas, a menos que a compra seja inadiável.

CHEQUE ESPECIAL

Essa é a taxa mais alta do mercado financeiro. Mesmo assim, os bancos estão revendo suas tabelas depois das últimas decisões do governo de aumentar os juros. O Banespa, por exemplo, já decidiu subir os encargos cobrados para o uso desse tipo de empréstimo de 10,9% para 11,5%. Se uma pessoa usar R\$ 200 do cheque especial durante um mês inteiro, a conta só com os juros passará de R\$ 21,80 para R\$ 23. Além dos juros, os bancos cobram também Imposto sobre Operações Financeiras (Iof) por esse empréstimo.

ALIMENTOS

Não é momento de fazer estoques de alimentos para fugir do aumento de preços que pode vir por aí.



Bancos e financeiras estão analisando a conveniência de aumentar as taxas dos empréstimos pessoais e do crédito direto ao consumidor (CDC). O

Apesar da alta do dólar, que tornará mais caros diversos produtos, existe a possibilidade de não haver esse repasse para os preços ao consumidor. Isso porque o governo decidiu subir os juros novamente, o que vai frear o consumo ainda mais. Será difícil para os comerciantes aumentar o preço dos produtos com o mercado deprimido.

CADERNETA DE POUPANÇA

A grande vantagem da caderneta de poupança é ser um investimento seguro, o que é importante nesse momento de incertezas. É bom lembrar que o rendimento dessa aplicação acompanha a oscilação das taxas de juros. Quem tem dinheiro nesse tipo de investimento não deve mudar agora. Espere a data de aniversário da caderneta, quanto o rendimento são depositados na conta, para avaliar as vantagens de trocar de investimento. Há outros mais rentáveis e também menos seguros à disposição do investidor.

FUNDOS DE RENDA FIXA

O aumento dos juros sempre melhora a rentabilidade desse tipo de aplicação. Os mais rentáveis são os do tipo DI de 60 dias, que acompanham a oscilação das taxas de juros. Para quem não quer passar dois meses com o dinheiro preso, existe a opção de 30 dias. Os fundos rendem um pouco mais



do que as cadernetas de poupança e também são seguros, se forem de um banco estável. Quem tem dinheiro nesses fundos não deve sacar. Também são uma boa opção para quem recebeu algum dinheiro agora e quer investir.

DÓLAR

Só é vantajoso, no momento, para quem vai viajar ou para quem acredita que o plano de estabilização chegou ao fim. Analistas de finanças pessoais acreditam que a valorização que poderia beneficiar o dólar já aconteceu. A previsão é de que a cotação suba muito pouco daqui para a frente, mas ainda é cedo para saber. Os fundos cambiais são uma ótima opção para se proteger de novas desvalorizações do real, desde que sejam pós-fixados. Mas é quase impossível comprá-los nesse momento. Os bancos fecharam esse tipo de negócio para pequenos e médios investidores.

OURO

É sempre procurado em momentos de crise intensa, quando as pessoas ficam inseguras quanto a conveniência de manter a moeda local no bolso e escolher reserva de valor mais estável. Algo semelhante acontece com o dólar, que tem cotação em qualquer parte do mundo. Os economistas acham que o momento é

delicado, mas não recomendam a compra do metal. Nos últimos anos, o ouro perdeu em rentabilidade para todas as aplicações do mercado financeiro. E não conseguiu sequer acompanhar o movimento do dólar.

AÇÕES

Os últimos dias foram positivos para o mercado de ações, mas o comportamento futuro é impossível de ser previsto. É grande a insegurança dos investidores estrangeiros, principais aplicados na bolsa brasileira. Se eles voltarem a comprar, o mercado sobe. Caso contrário, as quedas são inevitáveis. Esse é um mercado para quem gosta de risco. Mas só se deve investir em ações dinheiro que não esteja vinculado a nenhum tipo de compromisso futuro.

CERTIFICADO DE DEPÓSITO BANCÁRIO (CDB)

Os CDBs são aplicações de renda fixa, feitas por no mínimo 30 dias, com taxa prefixada, isto é, com taxa combinada com o gerente do banco no momento do depósito. O risco, nesse momento, é muito grande, porque os juros estão subindo. Os especialistas não recomendam investir nesse mercado agora.



BANCOS TENTAM RECUPERAR PERDAS

Rio — Os bancos de investimentos que tiveram grandes perdas em seus fundos de derivativos estão reorganizando essas aplicações para tentar escapar do prejuízo. É o caso dos bancos Bozano-Simonsen e FonteCindam. Foi aberta ontem, também, a fase de prestação de contas. Clientes da Marka-Nikko receberam ontem uma carta de esclarecimentos. No documento, o Banco Marka anunciou que está abandonando a sociedade com a corretora japonesa Nikko na administradora de recursos. Agora, a Marka-Nikko está nas mãos do grupo japonês.

Os clientes foram informados, ainda, que os saques nos fundos de derivativos estão suspensos. O banco está contabilizando as perdas e ainda não tem como zerar as aplicações de quem quer sacar.

O FonteCindam e o Bozano-Simonsen estão tentando revertir parte das perdas de seus fundos de derivativos. O presidente do FonteCindam, Luiz Antônio Gonçalves, informou ontem que os prejuízos registrados pelos fundos mais agressivos já foram contabilizados e desde segunda-feira estão com saques liberados. As maiores perdas ocorreram no Fundo Jaguar, que acumula prejuízo de 32,49% no ano. "Esse fundo era o mais arriscado e representava 15% dos recursos administrados pelo banco. Era um fundo de risco e os investidores sabiam", explicou.

A segunda maior perda ocorrida nos fundos de derivativos do FonteCindam chegou a 15%, ontem. Em compensação, lembra Gonçalves, os aplicadores que optaram pelo fundo com correção cambial ganha-

ram 28% nesse início de ano.

Segundo Régis Abreu, gerente do Bozano, os derivativos tinham passivo em dólar, por isso tiveram perdas. "Nossa maior perda foi de 19% no fundo Top Plus, que é mais agressivo, mas não estávamos alavancados", disse. "Já direcionamos nossos fundos derivativos para o CDI (Certificados de Depósitos Interbancários) e começamos a ter rendimento positivo diário de novo."

Os fundos do Banco Boavista Interatlântico foram os que registraram as maiores perdas até agora. Dados da Associação dos Bancos de Investimento mostram que o Boavista Hedge 60 está com rentabilidade de negativa acumulada de 77,71% e o Boavista Derivativos, de 64,22%. O cliente precisa esperar cinco dias para poder sacar seus recursos.